

Cerceando o campo de minhas memórias na graduação em História!

*Anderson José Guisolphi**

Ingressei no curso de História na UNOESC em Chapecó, por opção. Até então residia em Xanxerê-SC com meus pais e vim para Chapecó para os estudos nos finais de semana, pois o curso era em regime especial, com aulas às sextas-feiras e sábados. Nessa época, compartilhei muitas dificuldades de um curso em regime especial com amigos, aos quais devo profundos laços e vínculos de amizade, bem como discussões e reflexões incessantes sobre a vida e a formação na universidade que marcaram/marcam profundamente minha concepção de vida como profissional e pessoa.

No curso percebi que o espaço da universidade oferecia diversas oportunidades de envolvimento e inserção. Foi então que, a partir do 3º semestre no curso tive a possibilidade de iniciar a elaboração de um projeto de pesquisa, mesmo sem bolsa de iniciação. Essa atividade redimensionou minha inserção e o significado atribuído ao curso que escolhera. Identifiquei-me com o projeto desenvolvido na perspectiva da pesquisa sobre o catolicismo, e sobretudo à introdução a uma análise crítica da trajetória histórica do catolicismo que, até então, estava tão latente em meu cotidiano. Foi um momento de muitas novidades e também de muito empenho, através das leituras, discussões e ricos encontros com a orientação, através dos acompanhamentos, análises e procedimentos, em suma, a introdução ao mundo da pesquisa em história. Nesse sentido, vale destacar o quão importante é a inserção do estudante, mesmo que o curso fosse direcionado à formação de professores de história, junto às atividades de pesquisa, que certamente constitui um espaço para o desenvolvimento do espírito investigativo e da autonomia profissional.

Foi a partir daí que descobri o sabor da Iniciação Científica. Desenvolver o referido projeto de pesquisa acerca do catolicismo me fez sentir o gosto e o cheiro da história. Ao vasculhar os arqui-

vos empoeirados da Paróquia em Xanxerê, visitava e recuperava a emoção contida nas páginas amareladas de livros tombo, atas e fotografias. Queria dedicar-me inteiramente à pesquisa histórica, no entanto, pela ausência de bolsa de pesquisa, tive que procurar uma fonte de renda que assegurasse minha manutenção no curso de História. Para tanto, trabalhava como professor substituto em diversas escolas de Xanxerê-SC, lecionando diversas disciplinas, embora a preferência fosse por história. Nos últimos dois anos da graduação, consegui ser contratado como professor substituto de história por todo o ano letivo. E apareceram novos empecilhos: o fato de estar lecionando de segunda a quinta-feira, frequentar o curso de graduação nas sextas e sábados, limitava a pesquisa aos domingos, dividindo o tempo com a preparação de aulas, correção de provas e preenchimento de diários de classe. Sentia que a tão desejada dedicação exclusiva à pesquisa estava cada vez mais distante. A escassez de recursos financeiros e o afastamento da pesquisa limitaram minha participação em congressos, eventos de iniciação científica e outros desse gênero que me inserissem como pesquisador.

Foi no cotidiano escolar da educação básica que encontrei espaços de atuação que me fizeram problematizar e observar no dia-a-dia a questão da fragmentação do conhecimento. Na busca de um olhar complexo, um olhar do todo, de uma relação e uma articulação mais profícua do que aprendia na graduação para a vida prática das instituições escolares e dos movimentos sociais, bem como na troca com acadêmicos dos diversos cursos da universidade. i

Nesse sentido, há um processo de aprendizado, na medida em que a dinâmica e a complexidade da vida prática esgotam a capacidade de análise, os instrumentos de interpretação e o olhar do/sobre o mundo. Nesse processo percebi uma resignificação do aprendido dentro da academia na relação com o mundo, especialmente o mundo escolar e, conseqüentemente, uma resignificação do próprio mundo e de mim mesmo, num movimento que busca

transpor os limites das disciplinas.

Conforme as possibilidades, participei de eventos locais na universidade, como semanas acadêmicas de história e seminário de iniciação científica promovido pela própria instituição que frequentava. Apresentei o relatório de minha pesquisa sobre o catolicismo em Xanxerê, no seminário interno de iniciação científica no ano 2000, na UNOESC. Fiquei surpreso com os elogios e o convite à participação no Seminário Integrado de Iniciação Científica (FURB, UNIVALI, UNOESC). Preparei o resumo para os anais do evento e também o banner para divulgação da pesquisa. No encerramento do evento, um grande presente: a pesquisa foi indicada como uma das cinco melhores do evento na área de ciências humanas e sociais.

Naquele momento, percebendo a importância de um trabalho acadêmico sobre o catolicismo, busquei como foco de minha formação voltar os olhos a esta temática um tanto segregada das discussões políticas e, sobretudo, educacionais e acadêmicas.

Assim, propus a realização do estágio curricular final do Curso de História no Centro de Educação de Jovens e Adultos em Xanxerê-SC. Já que entendia a importância de se vincular tal prática de ensino com minha trajetória acadêmica junto aos projetos de extensão e alicerçada no compromisso com a escola. Vale ressaltar que reconheço a importância da concepção da universidade fundamentada na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Integradamente estas três instâncias perpass(ar)am minha formação e trajetória na universidade. Foram 20 horas/aula de docência no ensino fundamental e mais 20 horas/aula de docência no ensino médio. As turmas de educação de jovens e adultos em que estagiei tinham em média 40 anos de idade. Eram compostas por cerca de 15 alunos. Desenvolvi o plano de ensino-aprendizagem a partir das histórias de vida e de memória de cada um dos grupos. Realizaram atividades como escrever suas memórias, elaborar seus álbuns fotográficos e, sobretudo, reconhecer-se como sujeitos históricos, capazes de transformar a própria realidade em

que estão inseridos.

Na prática pedagógica, bem como nas relações que estabelecia com os alunos, inúmeras questões me conduziram a problematizar e a refletir desde a minha inserção como professor naquele contexto, o papel da escola para tal grupo, passando pelas práticas sociais e educativas vividas nesta relação, a busca de uma escola vinculada aos objetivos e identificada com a comunidade, as formas de gestão da escola, ou seja, os limites e possibilidades desse processo recheado de sabor, curiosidade e de incertezas. Experimentei um movimento contínuo de imersão e estranhamento do vivido no cotidiano da educação de jovens e adultos. Mergulhado nesse cotidiano, sentia a necessidade de buscar interpretar o conjunto das situações, numa tentativa de (re)conciliar a prática com a teoria.

Hoje, revisitando o vivido no passado e refletindo sobre o seu significado no presente, percebo que na educação de jovens e adultos, envolvido pelo tecido da prática, um dos aspectos que me chamava atenção era qual processo educativo escolar poderia ter significado para a vida daquele grupo de alunos? Sentia que era indispensável fazer uma leitura do mundo, ou seja, buscar compreender as lógicas internas desse grupo no que englobava sua prática social, produção material e simbólica das condições de vida. Considero, assim, a relação com a comunidade um pressuposto básico que orienta as ações no espaço político pedagógico da escola, salientando a inserção comunitária do professor como importante, no sentido de criar alternativas pedagógicas em conjunto com os grupos para os quais suas práticas se destinam, bem como uma outra gestão de escola que possibilite o redimensionamento dessa e da própria organização da educação para adultos.

Após concluir o curso de História em 2001, fui efetivado por concurso público na rede estadual em Santa Catarina. A escola em que fui lotado como professor de história estava localizada no meio rural de Chapecó-SC, onde lecionava 10 horas-aulas semanais. Tratava-se de uma escola em reserva indígena, embora sem um

projeto pedagógico específico para esse grupo étnico.

Mesmo percebendo os limites e as mazelas da escola, é imprescindível reconhecer, sem euforia e ingenuidade, que a instituição escolar é um espaço possível de ações profundamente comprometidas com a criatividade, com a cooperação, com a autonomia, com a curiosidade das pessoas envolvidas nesse processo intrinsecamente político. A escola é produtora e potencializadora de vínculos sociais solidários e espaço fundamental de expansão da vida.

Quanto ao restante do tempo, dividia minhas horas semanais em outros dois empregosⁱⁱⁱ. No Centro de Educação de Jovens e Adultos em Chapecó-SC, atuava como docente de história com 30 horas-aulas semanais, nos turnos vespertino e noturno. Mesmo com excesso de carga-horária, precisava sobreviver, pois não morava mais com os pais e o peso da responsabilidade com aluguel e demais despesas, se fazia latente. Dessa forma, complementava a carga horária matutina em diversas escolas particulares e cursinhos: Colégio Marista, Contemporâneo e Vetor Positivo. No total, eram 60 exaustivas horas-aula semanais. Daí provieram novas experiências pedagógicas e de vida, já que este público específico é bem diferente dos indígenas e dos adultos do CEJA.

Notas:

*Aluno egresso do curso de Licenciatura em História – UNOCHAPECÓ – 2001. Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF. Atua como professor de ensino médio na EEB Zélia Scharf em Chapecó-SC.

ⁱFREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

ⁱⁱMATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

ⁱⁱⁱMORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.